

Se o turismo não se apoiar no comboio, a região do Douro pode estragar-se

ENTREVISTA COM
ANTÓNIO BARRETO

O sociólogo António Barreto ainda não entende como é que Portugal “abandonou” a Linha do Douro entre Barqueiros e Barca de Alva. Conhecedor profundo da realidade duriense, o investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa defende que o crescimento do turismo no Douro deve estar associado ao desenvolvimento da linha de caminho-de-ferro.

Por Celeste Pereira (textos) e Adriano Miranda (fotos)

O aparecimento, no Douro, de uma nova geração de empresários, proprietários de quintas, enólogos e de pequenas associações de lavradores apostados em fazer vinhos de qualidade, únicos e com tecnologia moderna, está a causar uma “enorme revolução”. António Barreto, cujas raízes remontam à região duriense, acredita que os bons exemplos tendem a multiplicar-se e que esta proliferação será a chave do futuro no Douro.

PÚBLICO – O Douro é uma região geradora de riquezas, produz energia eléctrica, vinho do Porto, mas continua a apresentar os piores indicadores sociais e económicos do país e da Europa. Como é que vê esta realidade?

ANTÓNIO BARRETO – O primeiro problema do Douro tem a ver com a quase monoprodução ou monocultura. A riqueza duriense repousa essencialmente na produção de vinho. Este produto é fonte de reputação e de renome da região ou do país, mas também é uma espécie de condenação. É um paradoxo, mas é assim. Se o Douro desenvolver outros sectores de produção e de actividade económica, haverá, em poucas décadas, uma desmultiplicação de sectores e de actividades.

Mas o Douro tem vindo a diversificar...

Há sinais indicativos de que o turismo tem vindo a trazer ao Douro receitas, actividades e interesses que não tinha há 10 ou 20 anos, mas, curiosamente, aqui também há qualquer coisa que parece ser uma condenação: o turismo duriense continua a não ter entrosamento na sociedade. Os barcos chegam ao Douro com 250, 300 turistas, que muitas vezes comem e dormem dentro das embarcações, e

Creio que este era o único caso do Mundo em que o entreposto, a riqueza física, não estava na região, mas a 100 quilómetros, o que era ridículo e absurdo e tirou riqueza à região

outro circuito que poderia ser menos sinuoso, mas já há maneira rápida de chegar a Visqu, ao Porto, a Vila Real ou a Espanha. Infelizmente, o mesmo não se passa com as ligações a leste, entre as zonas de Barca de Alva e Salamanca. Ai, há uma obsessão que não consigo explicar, porque é evidente que a abertura para o *interland* espanhol é importantíssima para o Douro e para os portugueses. Há ali cidades, clientes, comércio, fornecedores, instituições, hospitais, escolas, tudo.

Esta ligação tem sido menosprezada...

Menosprezada e, ainda por cima, em vez de renovarem a linha de comboio, fecharam-na [entre Pocinho e Barca de Alva]. Não sei se foi por nacionalismo, por economicismo barato... Há 20 anos, ainda se pensava que era possível não deixar degradar a linha, mas agora há sítios onde os carris estão praticamente apagados...

Houve também estações e apeadeiros que foram alienados, outros abandonados...

É uma pena. A Linha do Douro, de Barqueiros [início da RDD] a Barca de Alva, é das linhas férreas vinhateiras mais bonitas do Mundo. Podia ser um instrumento de turismo fantástico!

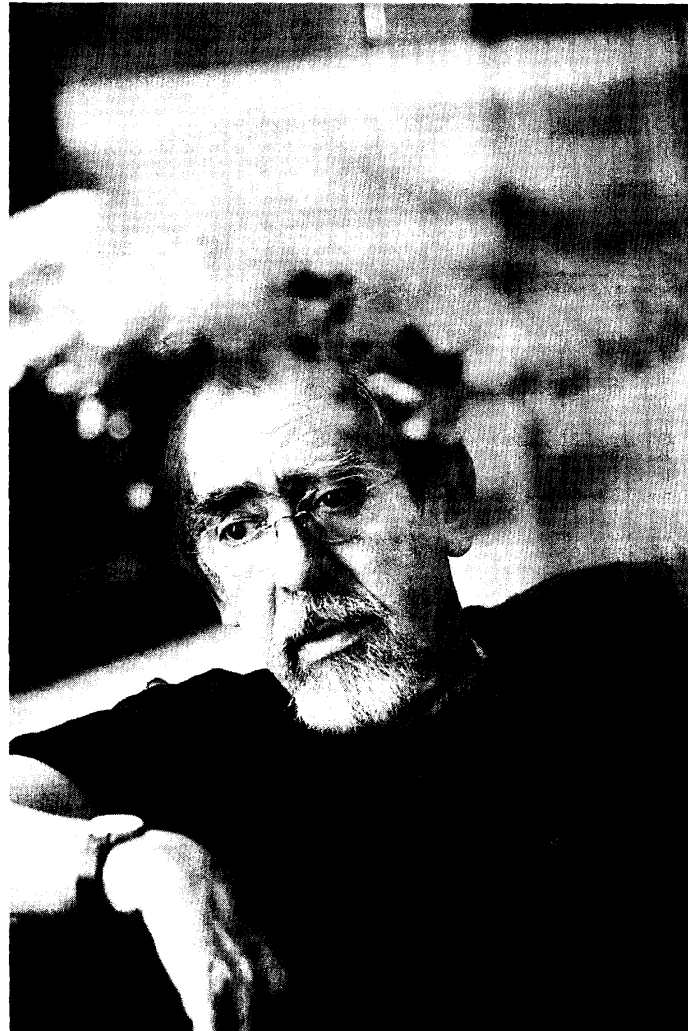
Ainda se justifica hoje reinvestir na Linha do Douro?

Acho que sim, se o projecto se basear na ideia de fazer uma ligação muito

mais profunda a Espanha.

A recuperação da linha devia ser um designio, quando se pensa em planos que pretendem transformar o Douro no quarto destino turístico nacional?

Não tenho dúvida nenhuma. O Estado tem que ajudar. Com a procura actual, interna e externa, com o desenvolvimento das classes médias, do gosto pelo vinho e do turismo de habitação, é inevitável que o turismo no Douro cresça. E se, nos próximos 10, 20 anos, o Estado não pensar em reabrir a linha férrea, construir uma linha de comboio moderna e confortável, o que vai se fazer é desenvolver ainda mais as



A revolução devia ser, em primeiro lugar, das cooperativas

A revolução que se vive no Douro ainda vai continuar?

Ainda há muito que fazer. Quando olhamos para o Douro de hoje, sabe-se que houve 100, 150 lavradores que fizeram o que tinham que fazer: replantaram e reorganizaram a vinha, separaram as castas, construíram adegas limpas, fazem análise de solos, e alguns até recorrem ao *marketing* para a comercialização... Estes estão no bom caminho.

Mas esse não é o caso da maioria...

Essa é que é a questão. A revolução agora devia ser, em primeiro lugar, das cooperativas. A maior parte das cooperativas está mal,

tem vinho a mais, é muito deficiente, não tem instalações, não paga a tempo e horas, tem vidas colossais... Muitas delas não tem suporte tecnológico ou enológico, não fazem formação dos seus membros, não insistem junto dos cooperantes para fazerem vinhos. As cooperativas perderam um bocadinho o comboio.

Acha que ainda podem recuperar?

Nas vinte e tal cooperativas que existem na região, haverá quatro ou cinco que estão a meio caminho, que poderão sobreviver. As outras vão ser mais difíceis. O que me parecia interessante era que os lavradores se conseguissem organizar em pequenas associações produtivas. ■

estradas. E vamos ter mais estradas em cima dos vinhedos, atrás disso virá a habitação e, atrás desta, a desordem urbanística. O que quer dizer que se o turismo no Douro não for apoiado no comboio, em 20, 30 ou 40 anos, pode estragar-se a região.

O défice cultural e educativo que ainda hoje se vive na região é o principal estrangulamento do Douro?

É um deles. Durante muitos séculos, foram os transportes, a monoprodução em geral, o facto de as principais empresas se sediarem no Porto... Creio que este era o único caso do Mundo em que o entreposto da região, a riqueza física, não estava na região, mas a 100 quilómetros, o que era ridículo e absurdo e tirou riqueza à região. Hoje isso já não acontece, é no Douro que o vinho é feito, engarrafado e preparado para a exportação. E nos vinhos [de mesa], nos últimos 20 anos, houve uma enorme revolução: apareceram empresários, proprietários de quintas e lavradores que souberam delinear os seus vinhos, fazê-los com muita mais qualidade, mais seriedade e quase sempre mantendo as suas características rústicas. Isto é muito importante, porque se o Douro embarca, como há algumas tentativas, na ideia de fazer vinhos iguais ao resto do Mundo, o vinho do Douro está condenado.

A tendência não é fazer bons vinhos?


A maior parte da dúzia e meia de novos enólogos que conheço – alguns chamam-nos de *Douro boys* – tem uma obsessão na vida: fazer um vinho bom, com tecnologia moderna, mantendo a sua rusticidade. Mas há quem queira que, no Douro, se comece a fazer vinhos iguais ao resto do Mundo. Nessa altura perde-se, porque o vinho do Douro é caro a fazer.

A revolução no Douro está associada à chegada de novos enólogos, ligados ao empreendedorismo...

Esses *Douro boys* são simultaneamente lavradores e enólogos. A grande revolução do Douro começou há 10, 15 anos, com o desenvolvimento espectacular dos vinhos de mesa com marca própria, com o aparecimento dos produtores/engarrafadores, de vinho do Porto ou de mesa, com a chegada dos enólogos e com a convergência de preços entre os vinhos de mesa e os vinhos do Douro. Hoje em dia, os vinhos do Douro tem nome feito no país e no estrangeiro.

E têm ganhado inúmeros prémios a nível nacional e internacional...

Hoje em dia, em Inglaterra ou nos EUA, as pessoas não pedem vinho português, pedem vinho do Douro. ■

Tema: Sector Vitivinícola					Âmbito: Nacional	Tiragem: 61519
Título: Se o Turismo não se apoiar no comboio, a região do Douro pode estragar-se – Entrevista a António Barreto					Temática: Generalista	GRP: 4.3
2006/06/14	PUBLICO – LOCAL PORTO		Pág. 55		Imagem: 2/2	Periodicidade: Diária



O Estado ajudou a afundar a Casa do Douro

Em 20 anos, o Estado teve “20 ideias” sobre o Douro, o que ajudou a fomentar a instabilidade e a incerteza na região, alega António Barreto, que defende que a reforma institucional do Douro é urgente

PÚBLICO – O que é que pode fazer a região para aumentar a fixação de cérebros?

ANTÓNIO BARRETO – Há tanta coisa! [suspiros e pausa] Em primeiro lugar, resolver os problemas institucionais, que são uma dor de alma. O edifício institucional do Douro não está entrosado, andam as coisas soltas, dispersas. O Instituto dos Vinhos do Douro e Porto (IVDP) precisa de se reorganizar mais uma vez, de se entrosar com as empresas, os lavradores e as instituições. A Casa do Douro (CD) não tem condições operacionais para exercer as suas actividades, para acudir aos seus produtores e fazer formação, tem gravíssimos problemas financeiros, de competências, jurídicos, políticos...

O modelo da CD não se esgotou?

O modelo da CD de há 30 anos está completamente esgotado, mas a CD poderá ter ainda um papel absolutamente crucial. Devo dizer que uma das responsabilidades [pela sua situação actual] é dos durienses, que nem sempre fizeram o que era preciso fazer a tempo e horas, mas a outra é do Estado, que, em 20 anos, teve 20 ideias sobre a CD e sobre o Douro, o que ajudou a fomentar a instabilidade e a incerteza.

E ajudou a afundar a CD?

Sim, sim, sim... [pequena pausa] Os problemas podiam ter sido resolvidos há 15 anos, mas foram sistematicamente adiados.

Acha que o Estado se tem demitido da responsabilidade de apoiar uma solução para a CD?

Tem, tem... E, infelizmente, por causa do dinheiro, no pior

sentido da palavra. Quando o vinho era a principal exportação portuguesa, nos séculos XVIII e XIX e na primeira metade do século XX, o Governo emprestava dinheiro, porque, se aquilo corresse mal, eram as exportações e as receitas do comércio externo que poderiam estar em causa... Hoje em dia, quando se chama a atenção do senhor Governo para os problemas da região do Douro e para os problemas vinícolas portugueses, o senhor Governo olha para o país e diz que o vinho, hoje, só representa um, dois, três por cento e que o vinho do Porto já só representa um por cento... Ou seja: não tem importância nenhuma, o mais importante é a Auto-Europa ou a electricidade.

O Douro comemora este ano 250 anos sobre o “acto fundador” da actual região demarcada, usando as suas palavras. Este projecto poderá significar uma viragem na região?

Gostava que sim, não para refazer protecções, porque cada época e cada problema têm soluções diferentes... A Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro foi criada numa altura em que havia gravíssimos problemas, de qualidade, de concorrência, de preços, de desentendimento entre as partes, de crise no Douro... A Companhia foi muito bem desenhada e foi uma das soluções possíveis para os problemas. E gostava que se

percebesse que, nos 250 anos seguintes, em cada momento de crise no Douro, foi sempre preciso que as entidades oficiais tivessem uma política clara e que encontrassem soluções para cada caso. As vezes foi com protecção, outras vezes não.

Neste momento, acha que o protecçãoismo se justifica?

Não. De todo. Em primeiro lugar, é absolutamente crucial e urgente refazer o edifício institucional do Douro. O Douro precisa de força institucional, mas isso não tem nada a ver com protecçãoismo, tem antes a ver com saber o que faz quem, aonde, quando, com quem e como. Em segundo lugar, é crucial desenvolver as empresas de lavradores que consigam ter vinhos de muita qualidade, feitos para exportação, com tecnologia moderna ao serviço do que é singular. Também é urgente procurar através da Universidade e das associações económicas diversificar a vida económica e social no Douro.

Os projectos e compromissos para o Douro, a saga do Museu do Douro, o Plano de Desenvolvimento Turístico, saem sucessivamente frustrados ou adiados... Não há forma de dar a volta a esta espécie de sina?

Isso faz parte de um ciclo vicioso. Há momentos em que a decadência ou a degradação são cumulativas e, se não se encontra um sítio onde por a alavanca, as coisas acumulam-se no pior sentido da palavra. Quando uma região não tem competências suficientes, também há incompetência para encontrar soluções. Por isso é que o entrosamento entre o interior e o exterior é importante e por isso é que a Universidade pode ter um grande papel no Douro. A Universidade traz gente de fora, abre e cria uma dinâmica que permite encontrar melhores soluções. ■

A segunda série do ciclo de conferências *Olhares Cruzados sobre Trás-os-Montes e Alto Douro* encerra hoje com um debate subordinado ao tema *250 anos depois, para onde deve o Douro caminhar?*. No auditório da UTAD, o vice-presidente da CCDRN Ricardo Magalhães e o antigo ministro das Finanças Miguel Cadilhe esgrimem argumentos a partir das 21h30.